



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 19, v. 2  
jul-dez.2023  
p. 73-101

# Chegadas e partidas da “Diáspora Trans”: processos migratórios e trânsitos de gênero entre mulheres trans e travestis

*(Arrives and departures of the “Trans Diaspora”: migration processes and gender transit among trans women and transvestites)*

*(Llegadas y partidas de la “Diáspora Trans”: procesos migratorios y movilidad de genero entre mujeres trans y travestis)*

Cleber Souza Meneses<sup>1</sup>  
Marcelo Alario Ennes<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar a intersecção entre trajetórias migrantes e gênero como expressões do processo de des/reconstrução de identidades vivenciado por mulheres trans e travestis brasileiras a partir da categoria de análise “diáspora trans”. A pesquisa foi realizada entre 2017 e 2020 e se baseou na revisão bibliográfica, fundamentação teórica e em fontes orais. Como conclusão, propomos que a “Diáspora Trans” é vivenciada a partir de dinâmicas plurais, móveis e provisórias, tanto no trânsito de gênero quanto na migração geográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** “diáspora trans”; processos migratórios; processos identitários; transgeneridade.

**Abstract:** The goal of this article is to analyse the intersection between the conditions of migrants and transgender as expressions of the process of des/reconstruction of identities experienced by Brazilian women transgender and transvestites from the trans diaspora analysis category. The research was carried out between 2017 and 2020 and has based on the bibliographic review, theoretical foundation and in oral sources. The research allows us to understand that the “Trans Diaspora” is experienced by our interviewees from moving and multiple situations in their migratory trajectory almost always provisional, both in gender transit and in the migration.

**Keywords:** “trans diaspora”; migratory process; identities process; transgender; transvestites.

**Resumen:** El propósito de este artículo es analizar la intersección entre las trayectorias migrantes y género como proceso de des/reconstrucción de identidades de mujeres trans y travestis. La investigación ha sido hecha entre 2017 e 2020 con base en revisión bibliográfica, fundamentación teórica y fuentes orales. En general, como conclusión, proponemos la idea de “Diáspora Trans” como resultado de dinámicas múltiples, provisionales y plurales que se expresan por medio de tránsitos de género y territorios geográficos.

**Palabras clave:** “diáspora trans”; procesos migratorios; procesos identitarios, transgénero; travestis.

1 Bolsista de Pós-doutorado Júnior do CNPq (UFMT). Doutor em Sociologia (UFS). Professor na área de Educação e Sociologia na Unemat Pontes e Lacerda/MT. E-mail: cleber.cultura@gmail.com

2 Professor titular do Departamento de Ciências Sociais (DCS) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS). Líder do Grupo de Pesquisa “Processos identitários e poder” (GEPPIP). E-mail: itab2010@academico.ufs.br



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 09/12/2022  
Aceito em 16/02/2023

## 1 Introdução

O presente artigo articula dois campos de pesquisa que aos poucos vem se aproximando, os estudos sobre migração e as pesquisas sobre gênero e sexualidade. No que diz respeito às imigrações internacionais cabe atentar tanto para o crescimento do número de pessoas que vivem fora de seu país de origem que contabiliza hoje cerca de 280 milhões de pessoas contra 150 milhões em 1990 (UNITED NATIONS, 2019), quanto para novas dinâmicas da mobilidade. Além disso, os fluxos migratórios têm sido estudados a partir de diferentes perspectivas como a das migrações forçadas ou refúgio, migrações econômicas, migrações ambientais, exílio e, de modo mais próximo de nossa proposta, sexílio e diáspora *queer*.

Parte dessas pessoas em mobilidade são mulheres trans e travestis. Pode-se dizer que, ao menos no Brasil, questões relacionadas ao gênero e à sexualidade ocupavam um lugar secundário no campo de estudos sobre migrações (PESSAR, 1999; PISCITELLI, 2008), por outro lado, nos últimos anos tem havido o crescimento pelo interesse sobre a temática (AGNOLETI; SOUSA, 2013; ANDRADE, 2015, 2016; ÁVILA, 2014; BINNIE, 2013; ERIBON, 2008; FORTIER, 2001, 2002; ÁVILA; GROSSI, 2010; GUIMARÃES, 2004; KULICK, 2008; MENESES, 2020; PATRÍCIO, 2009; PELÚCIO, 2011; PERLONGHER, 1986; PRECIADO, 2019; VALE, 2005; VIEIRA, 2011).

Os trabalhos mais específicos sobre a população trans e migrações são recentes, seguem uma linha analítica descritiva-exploratória e se voltam às relações entre o corpo e a identidade de gênero; às alteridades; às redes migratórias; ao HIV/aids; e à prostituição (CARRIJO, 2011; KULICK, 2008; PATRÍCIO, 2009; PIRAJÁ, 2011; PELÚCIO, 2011; PRECIADO, 2019; SOUZA, 2013; TEIXEIRA, 2011; VALE, 2005; VARTABEDIAN, 2014).

Ao recorrermos à ideia de “Diáspora Trans” buscamos ampliar as possibilidades analíticas para os estudos sobre mulheres trans e travestis que integram os fluxos migratórios contemporâneos, de modo a dar maior visibilidade e inteligibilidade a dupla realidade vivenciada por estas sujeitas ao se defrontarem com abjeções, conflitos, violências, descobertas e ao reivindicarem a sua condição de sujeita feminina.

Neste sentido, consideramos que o gênero é um marcador identitário móvel que se desloca de acordo com as configurações de poder o que envolve diferentes circuitos de relações e de interlocutores(as), condição financeira, acesso e conhecimento de técnicas e tecnologias de mudança do corpo que estão ligados a diferentes momentos da trajetória migratória. Deste modo, a transgeneridade e a mobilidade espacial/geográfica, imbricação que marca o conceito de “Diáspora Trans”, sobrepõem-se e retroagem um sobre o outro. Assim, este trânsito de lugares é também



trânsito entre as formas e as lógicas dos vínculos predominantes (portanto, não exclusivos) que as ligam com seus/suas interlocutores(as).

O argumento básico presente neste artigo, portanto, consiste na ideia de que a “Diáspora Trans” envolve a inter-relação entre trajetórias migratórias e reconfiguração identitária de gênero<sup>3</sup>. Neste sentido a “Diáspora Trans” se materializa a partir e por meio de jogos de forças que se constitui no espaço e tempo das trajetórias migratórias em suas diferentes configurações, à medida que envolve diferentes agentes sociais e diferentes formas de vínculos sociais (ENNES, MARCON, 2014). Desta forma, a experiência migratória pode ampliar a autonomia e pode significar um distanciamento das relações sociais do local de origem, ainda que isto não signifique ausência de tensões e conflitos, o que inclui trânsitos identitários, tais como os vivenciados por mulheres trans e travestis. Retomaremos a seguir algumas contribuições sobre o conceito de diáspora em suas aproximações e distanciamentos com o de “Diáspora Trans”.

## 2 Nota metodológica e apresentação das protagonistas

A temática central deste artigo foi desenvolvida por meio do diálogo entre a revisão bibliográfica (processos migratórios, processos identitários e estudos de gênero) e as narrativas de mulheres trans e travestis que foram obtidas durante a elaboração da tese “Diáspora Trans”: mobilidade e migrações espaço-temporal e de gênero” (MENESES, 2020).

Através de um estudo qualitativo em uma perspectiva transdisciplinar, fizemos uma reflexão sobre os processos identitários (ENNES, MARCON, 2014) que permeiam a construção da sujeita trans relacionando-os com os processos migratórios através de relatos de vida (LANG, CAMPOS, DEMARTINE, 2010), que apresentaram uma diversidade de contextos e características semelhantes, mas também que se distanciam em relação à classe social, ao mercado de trabalho, ao grau de instrução, dentre outras tantas variáveis desenvolvidas na pesquisa mais ampla (a tese), demonstrando a heterogeneidade das possibilidades de ser mulher trans e travesti, que não há como estar sintetizada dentro de uma caixa categórica e normativa.

Trabalhamos com 13 interlocutoras de perfis distintos em relação à vivência das trajetórias migratórias, à inserção ocupacional e à construção de sua identidade de gênero que receberam o codinome de flores para preservar suas identidades. Cabe, inicialmente, notar duas diferenças. A primeira é que nem todas vivenciaram uma trajetória migratória internacional, ainda que, a nosso ver, a relação entre trânsito identitário e geográfico se mostra presente também nos casos

3 Compreendemos reconfiguração identitária do gênero como os trânsitos e atravessamentos de fronteiras que ocorrem nos territórios dos gêneros por meio da cultura e performatividades simbólicas e materiais.



de migração no interior no Brasil. Deve-se reconhecer que as migrações internacionais envolvem questões legais relacionadas à documentação exigida para se entrar e permanecer em outros países, o que vai impactar diretamente nas chegadas e partidas das nossas interlocutoras. Há, também, diferenças socioculturais mais demarcadas relacionadas ao idioma, padrões morais e comportamentais.

A segunda diferença diz respeito à inserção ocupacional. O perfil das interlocutoras demonstra que nem todas atuaram ou atuam na prostituição. Esta diferença aparece associada ao nível de escolaridade, já que as migrantes trans e travestis que estiveram ou estão no exercício da prostituição possuem menor escolaridade que as demais, resultado das constantes mudanças de cidades, violências sofridas no âmbito da escola e ilegalidade quando fora do Brasil. Em dois casos (Violeta e Íris), as interlocutoras retomam seus estudos após deixarem a prostituição e fixarem residência por mais tempo em uma única cidade. Este aspecto, ainda que fuja ao escopo central deste artigo, deve ser sempre lembrado para que não se associe às mulheres trans e travestis de modo essencializado e naturalizado à prostituição.

A faixa etária é o que mais aproxima as interlocutoras. Quase a totalidade está próxima aos 40 anos de idade. Atribuimos esta semelhança à técnica de *snowball sampling* (GOODMAN, 1961), em que cada uma delas indicava uma amiga que tinha uma idade próxima a sua.

Deste modo, chegamos às interlocutoras a partir das redes sociais construídas no período do desenvolvimento da pesquisa e em espaços diversos (seminários, conferências, *shows*, bares e boates, reuniões e visitas às instituições trans, plataformas digitais, dentre outros). Ademais, no processo de aproximação com as interlocutoras da pesquisa, etapa anterior às entrevistas, um dos pesquisadores passou a integrar espaços de sociabilidade no intuito de conhecer melhor as possíveis colaboradoras e poder criar laços que lhe permitisse gerar a confiança necessária para que aceitassem participar da construção da tese. Entre os anos de 2017 e 2018 participou ativamente de três eventos<sup>4</sup> representativos, os quais possibilitou desenvolver um diário de campo contendo diálogos do pesquisador com travestis, homens e mulheres trans, e a partir da observação participante realizada em momentos de pré e/ou pós-evento conseguiu registrar diálogos e atitudes entre eles e elas e com terceiros, além de registros e comentários sobre palestras e falas públicas que aconteceram nestes eventos, em que as protagonistas eram as pessoas trans e travestis.

No que diz respeito à coleta das entrevistas mais especificamente, trabalhamos uma amostra

4 Os respectivos eventos foram: 3º Fórum de Saúde Integral de Pessoas Trans: transidentidades e travestilidade (Lagarto – SE) em 20 de novembro de 2017; Confraternização da UNIDAS (Aracaju – SE) em 13 de dezembro de 2017; IV Semana de visibilidade trans de Aracaju: direitos e cidadania das pessoas trans que ocorreu de 29 de janeiro de 2018 a 02 de fevereiro de 2018.



não probabilística a partir das entrevistas com roteiros semiestruturados que foram realizadas entre 2017 e 2020. As entrevistas foram realizadas presencialmente e de modo remoto. Neste caso, recorreremos ao uso de tecnologias digitais, tais como o WhatsApp, especialmente com as interlocutoras que estavam na Europa, mais especificamente na Itália, Espanha e Portugal.

### 3 Por uma “Diáspora Trans”

Discutir diáspora é uma difícil tarefa devido ao seu caráter multifacetado, seja do ponto de vista de quem a vivência, seja de quem estuda este fenômeno. Outra dificuldade decorre do fato de ter sido amplamente discutido no campo dos estudos migratórios e a partir de uma perspectiva associada a nacionalidades, etnias ou religiões. Para os fins desse artigo, interessa problematizar este conceito a partir dos chamados novos estudos diaspóricos.

Neste sentido, a construção do conceito de “Diáspora Trans” envolve o entendimento de como a diáspora vem sendo tratada em sua polissemia por diferentes autores a partir de diferentes perspectivas teóricas. Começamos pelo entendimento segundo o qual a diáspora implica na dispersão de pessoas motivada por problemas identitários, políticos, econômicos e naturais nos locais de origem (HALL, 2003). Esta dinâmica de mobilidade humana gera novas situações de crise, mas também constroem relações de solidariedade nos países e cidades de destino.

Por sua vez, uma das principais referências de estudos diaspóricos na contemporaneidade é Paul Gilroy e sua obra *Atlântico Negro* (2001) que propõe uma abordagem sobre a desterritorialização da cultura,

Sob a ideia-chave da diáspora nós poderemos então ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem (GILROY, 2001, p. 25).

O *Atlântico Negro* nos oferece uma importante reflexão sobre como as estruturas transnacionais da modernidade expressam a crítica sobre a ênfase na cultura nacional, nas fronteiras fixas e na homogeneidade das identidades. O autor localiza o mundo do *Atlântico Negro* em uma rede de entrelaçamento entre o local e o global.

Em uma perspectiva próxima à de Gilroy, a crítica literária cubana Aimee Bolaños propõe que

Diáspora é um conceito altamente expressivo da mobilidade de nossa época, aberto aos sentidos cambiantes do tempo humano. Assumido o conceito na fluidez, porosidade e abrangência de seus conteúdos, constitui um verdadeiro manto inclusivo, por vezes também transgressivo, dos variados termos sobre migração e exílio que têm circulado historicamente. [...] De uma noção fechada de diáspora, referida à nação territorializada, a teoria passa a um conceito dinâmico, vinculado ao de nação deslocada, nação viajante, transnação (BOLAÑOS, 2012, p. 90).



Em 1997, Robin Cohen publica o livro *Global diasporas: An introduction* no qual faz uma introdução à teoria das diásporas e começa definindo suas características mais comuns e apresenta uma tipologia: diáspora da vítima; diáspora trabalhista; diáspora imperial; diáspora comercial; e diáspora desterritorializada. No ano de 1999, Cohen escreve um ensaio intitulado “Diasporas and the Nation-State” em que inclui novas características ao perfil das comunidades diaspóricas, complementando assim, a lista constituída por Safran.

[...] uma expansão para além de uma terra natal à procura de trabalho, em busca de comércio ou por futuras ambições coloniais.

[...] Um senso de empatia e solidariedade com membros de mesma etnia em outros países de assentamento.

A possibilidade de uma vida peculiar, até mesmo enriquecedora e criativa, nos países anfitriões com uma tolerância para o pluralismo (COHEN, 1999, p. 274).

Safran (1991) e Cohen (1999) partem da premissa de que uma diáspora deve constituir uma dispersão que tenha início em uma terra natal e que o grupo em movimento se desloque para duas ou mais regiões estrangeiras, demonstrando desta maneira a importância do estado-nação como referência para este tipo de mobilidade.

Já para Avtar Brah, diáspora é um conceito abrangente e se refere a um espaço de intersecção formado por aspectos culturais, políticos, econômicos e psíquicos, tornando cada experiência diaspórica única, constituindo uma dinâmica que tem em si o próprio início e fim em um processo relacional a partir do qual é necessário compreender não só quem migra, mas também os autóctones. A autora trabalha com a perspectiva de multilocalização a partir de fronteiras fluidas que se movimentam por meio de construções sociais, sejam elas geográficas, culturais e/ou psíquicas, uma vez que considera que as fronteiras são metáforas produzidas através das relações de poder (BRAH, 2011).

Em síntese, de acordo com as abordagens acima, o conceito de diáspora faz referência à dispersão de pessoas que podem, ao mesmo tempo, gerar crises e novos arranjos e solidariedade (HALL, 2003), formas geopolíticas e geoculturais de vida para além da dimensão racial (GILROY, 2001), nação deslocada, nação viajante e transnação (BOLAÑOS, 2012), mobilidade para além da terra natal em busca de melhores condições de vida (COHEN, 1999), multilocalização e fronteiras que resultam de relações de poder entre migrantes e nativos (BRAH, 2011).

A ideia de “Diáspora Trans” implica, por sua vez, o ampliado dos significados acima apontados no sentido de combinar traços do mundo contemporâneo produzidos pela globalização e pelo transnacionalismo. No entanto, as definições acima, de um modo geral, ainda fazem referências à nação e/ou à etnia. A ideia da “Diáspora Trans” implica a estes, os marcadores de



gênero e de sexualidade para além da cis-heteronormatividade<sup>5</sup>.

Do nosso ponto de vista, essas contribuições contemporâneas sobre o conceito de diáspora encontrará uma maior ressonância com nosso enfoque de pesquisa ao aproximá-lo da noção de “Diáspora *Queer*”. É a partir dessa noção que propomos o que chamaremos aqui de “Diáspora Trans”, isto porque, a partir desta perspectiva, Fortier problematiza a fluidez e hibridismos das dissidências sexuais que se sobrepõem aos processos migratórios, demonstrando como “a diáspora é posta em funcionamento, a forma como é mobilizada na definição de uma cultura queer transnacional e de uma ‘comunidade’” (FORTIER, 2002, p. 195, tradução nossa).

Em primeiro lugar, as ‘diásporas queer’ fazem parte do aumento da circulação do que eu chamo de *horizontes diaspóricos*, isto é, a projeção, neste caso, dos pertences e da cultura queer, dentro de um horizonte espaço-temporal definido em termos de multilocalidade, diversidade cultural, dispersão e conflito. Mais precisamente, a exploração das formas em que a diáspora é posta a funcionar em narrativas de identidades e culturas coletivas indica a importância de considerar a diáspora não como um fato consumado, mas, sim, como um processo, como um conceito que é mobilizado para produzir vestígios imaginados de pertencimento (FORTIER, 2002, p.10, tradução nossa).

Nesta perspectiva, a diáspora *queer* enseja problematizar as identidades, colocando-as em lugar de contingência, indeterminação, poder e conflito. Propõe-se a pensar como se dá a interseção entre os estudos queer e os estudos de diásporas. A autora trabalha a partir do entendimento de que tanto o sujeito diaspórico quanto o sujeito *queer* são lidos a partir de um lugar de alteridade em relação a um grupo visto como estabelecido. Ao enxergar o quanto a globalização impacta nas construções identitárias da comunidade de lésbicas, *gays*, bissexuais, *queers*, intersexuais, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero (LGBTQIA+), percebe a potência das redes transnacionais que mediam e “[...] tecem múltiplas localizações e histórias” (FORTIER, 2002, p. 10, tradução nossa).

Em diálogo com Anne-Marie Fortier, Meg Wesling (2008) escreveu um ensaio intitulado “Por que Diáspora Queer?” no qual se propõe a abordar como as condições contemporâneas de mobilidade geográfica que estão relacionadas à globalização produzem novas experiências e compreensões sobre sexualidade e identidade de gênero. Neste trabalho, a autora reflete sobre a aproximação entre os sujeitos *queer* e sujeitos diaspóricos como sendo categorias móveis que rompem a estabilidade de categorias identitárias fixas, uma em relação ao sistema cis-heteronormativo e a outra em relação à nação.

O conceito de “Diáspora Trans” dialoga ainda com a noção de sexílio que é inaugurado no artigo “‘Pa’ La Escuelita con Mucho Cuida’o y por la Orillita’: A Journey through the Contested

5 Sistema normativo que institui a heterossexualidade e a cisgeneridade como norma hegemônica. Por cisgênero ou cis, refere-se as pessoas não-trans, as pessoas que têm inteligibilidade entre seu sexo biológico e sua identidade de gênero.



Terrains of the Nation and Sexual Orientation” (1997) de autoria de Manuel Guzmán, sociólogo porto-riquenho, em que diz “sexílio é um neologismo meu que se refere ao exílio daqueles que tiveram de deixar suas nações de origem em razão da sua orientação sexual” (GUZMÁN, 1997, p. 227, tradução nossa)<sup>6</sup>. O tema da “fuga para a cidade” como estratégia de resistência e afirmação da sexualidade retratado por ERIBON (2008) tem ajudado na formulação da categoria “sexílio” associada à formas de sofrimento físico e psicológico decorrentes da discriminação sofrida no local de origem contra pessoas que fogem aos marcadores cis-heteronormativos. Para Wasser (2020, p. 140), “O sexílio não se refere, primariamente, ao pertencimento múltiplo, mas exatamente ao contrário, ou seja, às múltiplas rejeições de pertencimento”. Seja como for, esta categoria nos ajuda descortinar motivações migratórias que apenas recentemente têm recebido atenção dos(as) estudiosos(as).

Assim, a Diáspora *Queer* se constitui a partir das “complexidades das formas de pertencimento pós-modernas e pós-coloniais através de suas intervenções em questões de tempo, espaço, identidade e incorporação” (FORTIER, 2002, p. 02, tradução nossa). A perspectiva *queer* auxilia na compreensão de questões que emergem na sociedade contemporânea a partir da mobilidade de pessoas LGBTQIA+ em diferentes regiões do mundo, relacionando-se e aproximando-se do conceito de diáspora. Permite, assim, a interconexão entre as mudanças identitárias e as territoriais revelando sujeitos e sujeitas que rompem com as normas cis-heteronormativas e que são impulsionadas em uma mobilidade contínua (WESLING, 2008). Neste sentido, a “Diáspora Trans” é um conceito que parte do princípio de que, na sociedade globalizada, muitas migrações de mulheres trans e travestis estão relacionadas com o rompimento de padrões psíquicos, sociais, culturais e materiais ditados pela cis-heteronormatividade que funciona como força de repulsão e de atração, que quanto mais forte ou tênue se revelar nos locais de origem, passagem e destino, acaba produzindo reconstruções identitárias do gênero e sexualidade em seus trânsitos espaço-temporais.

Por meio do conceito de “Diáspora Trans” procuramos não apenas descrever, mas sobretudo compreender como é possível que ocorra esta sobreposição entre migração entre cidades e países e a transição de gênero como expressão de um processo de desestabilização do sistema binário e cis-heteronormativo (BERLANT, WARNER, 2002; BUTLER, 2006) que atuam em sua reconfiguração identitária de gênero. Isso implica trazer a discussão de diáspora para o campo do

6 Este conceito ganha novas perspectivas em diversos outros estudos, que podem ser conhecidas no artigo de revisão bibliográfica de Nicolas Wasser e Isadora França (2021) intitulado: “O medo de voltar para casa: revisitando o nexos entre (homo)sexualidades e deslocamentos a partir do conceito de sexílio”.





gênero, interpretando o masculino e o feminino como territórios<sup>7</sup> fluidos e passíveis de trânsito em um processo de interdependência com a migração da terra natal para outros lugares, a partir da análise das histórias de vida das mulheres trans e travestis que colaboraram com a pesquisa. Refere-se a um movimento identitário e espaço-temporal.

É assim que interpretamos as pessoas trans, como sujeitas(os) diaspóricas(os), que apesar de muitas delas buscarem ter uma identidade de gênero que se encaixe no sistema binário, rompem com padrões e normas pré-estabelecidas pela cis-heteronormatividade, tornando-o(a) um(a) sujeito(a) em trânsito no que consiste este território de fronteiras vacilantes que é o gênero.

Aliado à transgressão do sistema cis-heteronormativo praticada pelas pessoas trans, temos também os processos migratórios espaço-temporais provenientes da “crise de identidade” (HALL, 2003) que é gerada nesse confronto, levando as mulheres trans e travestis a buscarem em novas terras, muitas vezes além-mar, o acolhimento, reconhecimento, respeito e oportunidade de vivenciarem a sua feminilidade.

A diáspora geográfica praticada por estas mulheres trans e travestis possibilita o contato com outras pessoas trans e travestis, assim como o acesso a espaços criados para a socialização e entretenimento da população LGBTQIA+, que geralmente estão localizados nos grandes centros. O fato de estar distante da sua cidade de origem também oportuniza que a/o sujeita(o) trans crie uma nova história (recrie seu passado para a nova rede de contato) e possa apresentar a imagem pública que desejar nos espaços de anonimidade que uma cidade nova oferece.

Da mesma maneira que Fortier e Wesling aproxima diáspora do *queer* para pensar este movimento globalizado da construção identitária com maior foco nas sexualidades dissidentes, pensamos a “Diáspora Trans” como este movimento duplo de trânsitos de gênero e espaço-temporal que as mulheres trans e travestis vivenciam ao longo de suas vidas, que didaticamente podemos nomear um início a partir da história de vida de cada uma, mas que não sabemos ao certo quando inicia este movimento que não se encerra até o fim de sua existência neste mundo. E estes trânsitos diaspóricos são todos balizados pelas relações de poder em negociação com outros sujeitos e instituições sociais.

A proposta de pensar a partir da categoria “Diáspora Trans” as trajetórias das mulheres trans e travestis que colaboraram com esta pesquisa, portanto, encontra algumas diferenças em relação à ideia de diáspora quando essa está associada a nacionalidades e etnias. Mas entendemos que as forças desestabilizadoras dos estados-nação, como a globalização, o consumo cultural, a

7 Quando pensamos em território nos valem das contribuições de autores que têm uma perspectiva em comum, são espaços definidos e atravessados pelas relações de poder e enquanto espaço político. Esta discussão pode ser mais explorada nas obras de Saquet (2003; 2007); Souza (2000) e Raffestin (1993).



conectividade por meio da internet, e tecnologias de mudança corporal abrem espaço para que coletividades baseadas em outros referenciais identitários, como o gênero e sexualidade, ganhem maior visibilidade e reconhecimento e possam se constituir como um fenômeno diaspórico naquilo que diz respeito à emergência de novas relações de solidariedade e novas formas de pertencimento.

#### 4 As partidas

Reconhecemos que na contramão dos estudos que consideram que a população LGBTQIA+ é levada a migrar (BINNIE, 2013; ERIBON, 2008; FORTIER, 2001, 2002), há casos de resistência por parte de alguns(mas) sujeitos(as), como podemos ver na tese de Passamani (2015) que discorre como tema central sobre as estratégias adotadas por uma variedade de perfis de pessoas com condutas homossexuais<sup>8</sup>, entre 52 e 82 anos que não migraram e viviam em duas pequenas cidades do Mato Grosso do Sul.

O mesmo acontece com muitas mulheres trans e travestis que negociam sua existência em suas cidades de origem, sem necessitar migrar espaço-temporalmente para promover a reconfiguração identitária de gênero. Elas aprendem a lidar e argumentar perante as situações de conflito, vindo a se tornar corpos políticos de resistência, muitas vezes de forma inconsciente. Elas têm um papel importante na sociedade na qual vivem, pois trazem à tona a discussão sobre transgeneridade e coloca em pauta que existe algo para além do binário.

Por sua vez, ao integrar trajetórias migratórias as pessoas trans e travestis consideram que os locais de origens são adversos e heterônomos, locais de vivência de violências e constrangimentos físicos e simbólicos, bem como de vigilância e disciplinamento, enquanto os locais de destino ou de passagens são imaginados e nem sempre vivenciados, como locais de segurança, liberdade, autonomia e proteção, muitas vezes alimentados pela expectativa de anonimato dos grandes centros urbanos.

O local de origem, assim, não é, em geral, um lugar seguro no qual se deseja estar. Nesta direção, os estudos de Fortier (2001, 2002) e Wesling (2008) têm relacionado a comunidade *queer* com a dinâmica diaspórica. Estes estudos desconstróem a ideia de casa/lar sob o argumento que nas migrações *queer* este lar é móvel e compreende a ideia do pertencimento, que nem sempre coincide com a terra natal e nem se restringe a uma única possibilidade. Brah (2011) já havia desenvolvido essa ideia em seu trabalho *Cartografias de la diáspora: Identidades en cuestión*, só que pensando o contexto diaspórico geral. A diáspora aparece assim como uma possibilidade de

<sup>8</sup> Para compreender melhor o que o autor quer dizer sobre condutas homossexuais, recomendamos a leitura da sua tese. Desde 2003, Passamani apresentava em suas pesquisas a centralidade na homossexualidade masculina, mas neste trabalho de 2015 ele se permite dialogar com outros sujeitos e sujeitas.



encontrar o(a) lar/casa entendido(a) como espaço de acolhimento, segurança e autonomia. O lar desejado é o de destino e não o de origem. Quando as mulheres trans e travestis que migraram para Portugal, Espanha ou Itália (ou por mais de um destes países) se autodenominam brasileiras em um momento e europeias em outras circunstâncias, trazem consigo este deslocamento da concepção de lar.

No que diz respeito às protagonistas deste estudo, verificamos que a maioria nasceu em pequenas cidades do interior da região Nordeste brasileira. Estas narrativas evidenciam que os lares, escolas e cidades, em geral, tendiam a reproduzir normas socioculturais tradicionais e heterônomas que se traduziam em diferentes formas de violência física e simbólica, expressões do patriarcalismo, do machismo e da LGBTQIA+fobia de modo combinado e sobreposto, realidade semelhante à abordada por Eribon (2008) ao tratar da migração de homens *gays*.

De acordo com Pateman (1993), estas expressões da violência heteronormativa estão relacionadas à opressão e ao subjugamento da mulher cis pelo homem cis que vem a ser denominado por ela como “patriarcado moderno”. Porém, estamos diante de uma realidade que vai além das relações homens cis e mulheres cis. Ocorre um subjugamento do feminino perante o masculino a qual daremos o nome aqui de “patriarcado pós-moderno” (MENESES, 2020). Isto é, refere-se a novas categorias de mulher e do feminino, que incluem as mulheres trans, travestis, lésbicas, pessoas não binárias e *gays* efeminados que são subalternizados perante a construção de um masculino hegemônico e superior a estas categorias.

É esta base analítica que nos permite compreender as construções identitárias vivenciadas pelas protagonistas deste estudo em sua cidade de origem, nem sempre vista como lar. Neste primeiro momento, as relações tinham os familiares, vizinhas(os), professoras(es), padres, pastores e colegas da escola como interlocutoras(es) privilegiadas(os). Não raro estas(es) interlocutoras(es) tiveram participação direta no processo de descoberta e produção identitária destas protagonistas que, via de regra, ocorreu de modo conflituoso e violento física e simbolicamente. Esta participação é narrada como expressão de controle, abjeção, mas também, de assédio bem como abuso moral e físico, tal como relata uma de nossas entrevistadas.

*[...] na comunidade eu não sentia tanta violência, porque eu nasci e fui criada ali. Agora no meio familiar, meus irmãos, meu pai tem essa pressão de se encaixar no comportamento de gênero, [...] e principalmente de um irmão que é mais próximo que eu vi essa pressão, essa violência psicológica muito forte. Só que eu não entendia, né? Era meu jeito e tal e isso tinha haver porque... por causa que eu era muito ligada ao universo feminino, né? Em tudo... brincadeiras, amizades, forma de falar de me vestir, tudo. [...]* (VIOLETA, 41 anos).

As mulheres trans e travestis que colaboraram com a pesquisa, em quase sua maioria,



relatam terem vivenciado conflitos dentro de sua própria casa. Em um dos casos, esta experiência foi vivenciada quando tinha aproximadamente 12 anos de idade, sendo abusada sexualmente por parte do seu tio (GARDÊNIA, 42 anos). Quase todas as interlocutoras, também, relatam que mantiveram segredo a partir da descoberta e do autorreconhecimento de seu gênero e de sua sexualidade.

O segredo foi um esconderijo que, ao mesmo tempo, protegia, mas também gerava sofrimento. Protegia da reprovação e dos castigos praticados pela família, mas era fonte de sofrimento já que, ao se proteger, não podia vivenciar seu gênero. É o que vem a ser chamado de se colocar no armário (HALPERIN, 2007). Ao sair do armário, elas se deparam com um cenário cruel de violência e incompreensão. Íris, por exemplo, relata que foi expulsa da casa de seus pais e, na sequência, se insere na trajetória migratória.

*Eu vim de uma década que é a década de 80, que é uma década muito difícil, né? Eu enfrentei muita dificuldade dentro da minha família, dentro da sociedade como mulher trans, né? Isso pra mim foi muito difícil e eu não tive muito apoio, não tive muitas opções. Fui muito discriminada dentro da minha família, né, eu fui posta pra fora de casa (ÍRIS, 47 anos).*

Também neste circuito de relações da infância e início da adolescência, as protagonistas vivenciaram formas simbólicas e físicas de violência, seja pelo não reconhecimento de uns, pela abjeção de outros, mas também por ser o período que quase a totalidade das interlocutoras deu início às experiências afetivas e sexuais.

A disputa pelo seu corpo, por seu afeto e sua sexualidade aparece, neste momento inicial, o de partida, claramente desfavorável às interlocutoras. Seu corpo e seu afeto não lhe pertenciam, perpassavam por vigilâncias e interditos por parte das instituições sociais que compunham os espaços de vivências delas. Eram marginalizadas perante o sistema cis-heteronormativo que as deslegitimavam, discriminavam e violentavam. Percebiam-se perante um corpo e um afeto que lhes eram ao mesmo tempo estranho e heterônimo materializado sob a forma do apagamento de traços e gestos físicos e na repressão de seus desejos sexuais lidos como não legítimos. As negações e abjeções levam nossas protagonistas a se distanciarem deste espaço hostil e seguem rumo a sua jornada migratória.

*[...] aí com 14 anos já decidi que eu ia embora dali ou eu ia me matar [...] (ORQUÍDEA, 37 anos).*

*Meu pai sempre falava, né, no dia que eu tiver um filho viado dentro de casa eu mato. Ele tinha uma arma né? Então você imagina o medo né? (CAMÉLIA, 49 anos).*

*Minha infância foi terrível! Minha infância foi a pior do mundo (ROSA, 47 anos).*

*[...] eu saí de casa com 19 anos e fui morar em outro bairro, foi esse período que eu não vivenciava muito com as pessoas, foi quando eu me isolei da minha família pra exercer*



*um pouco essa liberdade* (VIOLETA, 41 anos).

As narrativas acima revelam o contexto familiar de muitas pessoas trans que passam por violências, usam estratégias de adiamento da revelação de sua identidade de gênero, percebendo como única solução deixar o lar e ir à busca de novos espaços, que um dia passarão a ser interpretados como seu novo lar, assim como já apontava Brah (2011) ao conceituar o espaço de diáspora.

### 5 As primeiras chegadas e as novas partidas

As condições extremamente desfavoráveis vivenciadas na infância e juventude em sua cidade de origem estão entre as motivações que levaram as interlocutoras a iniciar uma trajetória migratória na qual deu continuidade ao seu trânsito identitário e à transformação de seu corpo. Sair de casa e/ou da cidade de origem não implica se estabelecer em uma nova cidade e/ou país definitivos ou assumir uma identidade definitiva. Ambos são processos caracterizados pela provisoriedade, pela re/desconstrução, pelo movimento constante, isto é, pelo seu caráter diaspórico.

Os estudos migratórios que têm como recorte a mulheres trans e travestis, de modo geral, indicam que boa parte das mulheres trans e travestis optam por migrar para as metrópoles (nacionais e internacionais) motivadas pelo acesso a redes sociais. Estas redes (AGNOLETI; SOUZA, 2013; MENESES, 2020; CARRIJO, 2011; KULICK, 2008; PATRÍCIO, 2009; PELÚCIO, 2011; PIRAJÁ, 2011; TEIXEIRA, 2011; VALE, 2005) assumem várias formas e são produzidas por diferentes, mas não excludentes, tipos de vínculos sociais, tais como: os laços de amizades, conhecimento ou relações de parentesco; relacionamentos virtuais, grupos, fóruns e comunidades virtuais ou, ainda, acessados inicialmente em ruas, bares, boates e outros espaços de circulação trans; colegas e clientes da prostituição; bem como pela interlocução com Organizações Não Governamentais (ONGs), grupos militantes, dentre outras formas de associativismo. Estas redes colocaram as protagonistas deste estudo em uma nova configuração social que incluía novos(as) interlocutores(as) e novos tipos de vínculos pessoais e sociais.

Enquanto antes tinham que lidar com seus familiares, nesta primeira fase de sua trajetória migratória, elas se deparam com a abjeção da sociedade em geral. Neste caso, quase sempre, encontram refúgio com sua inserção em redes sociais (TRUZZI, 2008) que reconhecem a sua identidade de gênero conforme veremos a seguir.

Podemos dizer que o universo trans é formado por um conjunto de espaços de heterotopia (FOUCAULT, 2007) distribuídos na geografia das cidades as quais ocorrem as trocas e experiências sociais, que possibilita a construção de identidades, hábitos, culturas, linguagens e corpos, que dão



origem a redes formadas pela população trans. Essas redes podem ser entendidas como dinâmicas de solidariedade que constituem os movimentos diaspóricos conforme assinalamos acima.

A partir do nosso campo empírico percebemos que as redes, a exemplo de migrantes de outros perfis, fazem parte da experiência migratória das mulheres trans e travestis que busca estrategicamente as capitais e regiões metropolitanas do Brasil como primeiro destino almejado, seja pelo viés da prostituição ou pelos caminhos dos estudos e mercado formal. Estas redes facilitam o ingresso no universo trans que foi desenvolvido em forma de guetos nestes centros urbanos, que inclui o anonimato e a proteção contra a abjeção, o que é “um domínio social no que tange à questão das (auto)identificações.” (BENEDETTI, 2005, p. 17), o que nos leva ao argumento central deste artigo, segundo o qual a migração é também um movimento de trânsito e afirmação identitária tal como retratado por Santos e Souza (2020) que apresentam a trajetória de *Tieta*, uma pessoa que foge do interior do Ceará e constrói sua identidade trans ao longo de seu percurso migratório por vários estados e cidades do Brasil.

Nota-se, por sua vez, que a trajetória migratória envolve momentos de partida e chegada, mas que estes, frequentemente, com o passar do tempo, dão origem a um novo movimento de partida. Este movimento contínuo, esta “Diáspora Trans” é parte da própria condição de seu pertencimento enquanto tais.

Insisto em afirmar que ser móvel faz parte da construção e reafirmação da identidade da travesti brasileira. Mesmo com riscos, pois o risco faz parte da própria condição de afirmação delas mesmas enquanto trans, no gênero e no trabalho. [...] A própria mobilidade é também uma estratégia, um “truque” das travestis para se manterem protegidas, pois, de acordo com o trabalho que muitas delas realizam – a prostituição – algumas se envolvem em situações de marginalidade e desenvolvem rivalidade com outras travestis, principalmente quando estão em trottoir, o que gera repressão à sua pessoa, já estigmatizadas pela condição de gênero (PATRÍCIO, 2009, p. 42-43).

Como se vê, a mobilidade contínua pode ser entendida como uma estratégia de acesso a novos espaços e tempos que as interlocutoras passaram a ter mais liberdade e autonomia no que tange à construção de sua feminilidade, mas, como de resto em toda sua vida, não ficaram livres de violências.

Neste novo circuito de relações, aparecem novas(os) amigas(os) cuja aproximação muitas vezes tem origem no compartilhamento da mesma história e experiência em termos identitários. Estas(es) amigas(os) ou conhecidas(os) orientam e sugerem não apenas cidades, mas locais para moradia e o contato de pessoas influentes a quem podem recorrer quando migrar, como é o caso das cafetinas para as mulheres trans e travestis que seguiram o caminho da prostituição.

A pesquisa que deu origem a este artigo, no entanto, deparou-se com três interlocutoras (Orquídea, Azaléia e Gardênia) que vivenciaram seus processos migratórios a partir de redes



outras (família, estudos e trabalho formal) em que as redes estabelecidas eram bem distintas e as negociações perpassavam negações e revelações da sua identidade de gênero. Estas três mulheres trans/travestis apresentaram em seus relatos a ideia de que deram curso ao seu trânsito identitário mais tarde, por assim dizer, retardaram a intervenção sobre seu corpo, com a perspectiva de primeiro conquistarem a estabilidade financeira para só então revelar sua identidade de gênero por meio de seu corpo e suas performances (MENESES, 2020).

De um modo geral, como expressão de “processos identitários” (ENNES, MARCON, 2014) as mudanças da posição das mulheres trans e travestis dentro das relações de poder nestes novos espaços e no diálogo com as/os novas(os) interlocutoras(es) se caracterizam pela maior (portanto, não completa) impessoalidade derivadas das relações monetárias, seja para alugar quartos e apartamentos, seja na aquisição de medicamentos e hormônios e implante de silicone, seja, ainda, pela remuneração em sua atuação profissional.

Este caráter mais impessoal também foi vivenciado por aquelas que se inseriram no mercado de trabalho formal e no mundo acadêmico. Ainda que os diferentes percursos e diferentes interlocutoras(es) tenham as levado, em longo prazo, a diferentes condições socioeconômicas, o dinheiro e as normas mais formais e impessoais produziram novas configurações (ELIAS; SCOTSON, 2000) em que puderam, ainda que não livre de sofrimentos e violências, autoafirmar-se em sua identidade no que diz respeito aos seus afetos, seus desejos, suas performances e ao seu corpo.

O que se destaca nesta etapa da sua jornada é que essas mulheres trans e travestis passam a assumir maior controle sobre seu corpo e sua representação. Isto se traduz em alguns dos casos nas primeiras modificações do corpo por meio do consumo de hormônios e aplicação de silicone. É, também, um momento em que puderam vivenciar de maneira “mais livre” e aberta a sua performance feminina, seus afetos e suas sexualidades.

Percebe-se um jogo entre invisibilidade e visibilidade, presente em todas as etapas do duplo processo de mobilidade narradas pelas mulheres trans e travestis em suas entrevistas, que é explicado como expressão de “processos identitários” (ENNES, MARCON, 2014) e pelas diferentes e desiguais condições de auto e heteronomeação. Veremos a seguir como foram trilhados os caminhos nesta “Diáspora Trans”.

## 6 Os caminhos

Quando estudamos fluxos migratórios, além dos locais de partida e de chegada, devemos atentar para os caminhos percorridos uma vez que eles também são explicados como materialização



de redes e configurações sociais. Estes caminhos resultam das relações de poder que orientam a/o imigrante e que a/o posiciona em relação aos/às seus/suas interlocutores(as) neste percurso, abrindo ou fechando portas e fronteiras legais e simbólicas. Cabe, portanto, maior atenção ao modo e às condições que as interlocutoras vivenciaram suas trajetórias migratórias.

O caminho, portanto, não se restringe apenas ao ato em si de sair de uma cidade e ir para outra, mas também se refere ao trânsito de gênero. Este *caminhar* envolve diferentes temporalidades e um conjunto de interlocutores(as) e normas sociais e legais com as quais as interlocutoras mantiveram relação e/ou orientaram as direções e o sentido de sua dupla diáspora.

Como foi visto no item anterior, sair de casa e viver em cidades longe da família as colocou em contato com outras mulheres trans, travestis e demais integrantes da população LGBTQIA+, mas elas também se deparam com outros(as) agentes sociais que precisaram negociar sua existência, como é o caso das(os) alunos(as) que acompanharam as transições corporais e identitárias das interlocutoras Orquídea e Azaléia.

O ato de se afastar do espaço de origem e se inserir em um novo contexto, ainda que de modo parcial e conflituoso, possibilitou acessar e conviver nestas novas cidades, configurações sociais e representações identitárias que não tinham acesso em suas cidades de origem.

Para a melhor compreensão dos caminhos seguidos por nossas interlocutoras, destacaremos alguns dos grupos de interlocutores que apareceram em sua “Diáspora Trans”. Há um grupo formado por companheiros, namorados e maridos, a partir do qual percebemos o caráter instrumental e estratégico e a idealização e o desejo de um projeto de vida que inclui a formação de uma família. Temos dois casos identificados nas entrevistas de relações saudáveis e estáveis (Margarida e Girassol), sendo que uma delas mantém-se casada até hoje. Porém, dentre as interlocutoras aparecem três casos em que esse sonho vira pesadelo, já que se revelaram como relações tóxicas pautadas na exploração financeira, violência física e psicológica.

*[...] Pra completar o sofrimento, né, eu tive um relacionamento com ele [referindo-se ao companheiro que teve na Europa], praticamente, nove anos... aí as coisas não fluíram mais porque, praticamente, eu fui explorada por ele o tempo todo do relacionamento que eu tive com ele, entendeu? Foi daí que eu me cansei, me cansei da Itália, me cansei de tudo...dele...eee...fui pra Espanha. Tive que sair escondida né? Porque se eu falasse pra ele que ia embora, ele me matava... porque ele me dizia: “se você me deixar um dia, eu te mato”. Então, eu tive que sair escondida, né? Aí saí escondida e comecei a minha vida praticamente do zero na Espanha, né? Porque o tempo que eu tive com ele, tudo que eu ganhava era em prol do café [forma que ela se referia ao companheiro] (CAMÉLIA, 49 anos).*

Há, também, as figuras de policiais de fronteiras, que aparecem em mais de uma entrevista, que não efetivam a prisão em uma situação de abordagem e controle alfandegário em troca de sexo. Revela-se assim, mais uma estratégia de superar obstáculos no âmbito dos processos migratórios





de mulheres trans e travestis sem documentos na Europa.

*[...] Primeiro eu fui pra França, porque a gente não ia direto pra Itália... e a França tava no auge... não... já estava acabando. Ai eu fiquei oito dias na França. Só que as bichas estavam sendo deportadas, eu fui pega. Fui pega por um policial que gostava de viado<sup>9</sup>... sempre tive sorte. Ai esse policial disse: 'saia fora, vá para a Itália porque senão, você vai voltar para o Brasil hoje.' Eu disse: 'tá bom'. [...] eu já fui deportada três vezes (ROSA, 47 anos).*

Neste caminho, as interlocutoras ainda se deparam com intermediadoras(es) e agentes responsáveis por apresentar as rotas, os truques, os documentos e recursos financeiros necessários, principalmente, para a emigração para outro país e, também, para inseri-las nos circuitos de prostituição mais seguros e rentáveis de centros urbanos europeus.

No entanto, como já foi dito, nem todas as interlocutoras vivenciaram a prostituição compulsória. Nestes casos, as interlocutoras relataram que seguiram caminhos semelhantes aos percorridos por pessoas cis e que retardaram as suas intervenções corporais para se estabelecerem no mercado de trabalho formal com menor abjeção.

Destacamos aqui as entrevistas de Orquídea e Azaleia que representam um fenômeno interessante, perceberam-se como mulher trans/travesti apenas após passar pelos processos migratórios quando se deparam com novas(os) sujeitas(os), novos discursos e novas referências. Antes de migrar, identificavam-se como homens *gays*. Nestes dois casos, a transgeneridade não foi um fator de impulsão, mas sim uma consequência do processo migratório. Isto acontece porque no “espaço de diáspora” (BRAH, 2011) é possível o contato com uma nova cultura e novas(os) sujeitas(os), levando a/o migrante a um processo relacional e situacional no qual se dá a construção identitária, que neste caso é o reconhecimento da identidade trans.

Desta maneira, percebemos a fluidez da identidade e sua interdependência na produção do pertencimento e da alteridade no contexto migratório, reconhecendo assim, o caráter de identidade inacabada (ENNES, 2001). Deste modo, essa(e) sujeita(o) diaspórica(o) (a/o sujeita(o) trans) constitui a “Diáspora Trans”, que pode ser interpretada como uma diáspora desterritorializada, pois é detentora de fronteiras fluidas, provoca deslocamentos e trânsitos constantes entre as fronteiras identitárias (culturais e psíquicas) e as fronteiras geográficas (BRAH, 2011; BOLAÑOS, 2012; COHEN, 2008; HALL, 2003).

## 7 Novos caminhos, novas chegadas, novas partidas e alguns retornos

Nesta etapa mais avançada da trajetória migratória e identitária, as mulheres trans e

<sup>9</sup> Cabe aqui um adendo para falar que nos discursos da maioria das interlocutoras os termos: “viado”, “bicha”, “mona” e “gay”, quando se referem a si mesmas ou outras mulheres trans e travestis, aparecem como expressão da linguagem coloquial sem colocar em xeque sua identidade de gênero e sem cunho pejorativo.



travestis demonstram uma maior autonomia em relação às etapas anteriores. As interlocutoras, em sua maioria, passam a atuar profissionalmente em atividades reconhecidas pelo próprio grupo ou em ambientes que sua identidade não pesa como grande óbice. Temos alguns casos que se estabelecem em profissões com maiores resistências, como é o caso das professoras, mas que não conseguem desestabilizar suas configurações identitárias de gênero.

Como já dito, as relações mediadas pelo dinheiro não estão livres de outros tipos de vínculo, como o afeto. O restabelecimento das relações com familiares e o casamento, ou outros tipos de relacionamentos mais estáveis, revelam a importância do afeto nesta fase da vida. Por sua vez, o vínculo afetivo não deixa de vir acompanhado também dos vínculos monetários, seja como meio de reconhecimento de sucesso na carreira, seja como retribuição e forma de amparo econômico aos familiares. Como colocado por Violeta (41 anos): “[...] *Minha família também não teve problema com essa questão também da aceitação, né? Quando eu cheguei linda, maravilhosa e bem financeiramente, isto influenciou na aceitação*”.

Seja na forma do dinheiro, bens, capacidade de consumo, seja na conquista de um corpo desejado, seja pelo reconhecimento pessoal e social de sua identidade de gênero, seja ainda pela obtenção da cidadania em países estrangeiros, percebe-se como a trajetória migratória transformou a vida das interlocutoras desta pesquisa. Como a/o imigrante em geral, seu projeto é orientado por objetivos econômicos mais ou menos explícitos e também subjetivos, ligadas às identidades, que funcionavam como parâmetros para o monitoramento de sua trajetória.

*Os efeitos [dos processos migratórios] foram os melhores possíveis, né? Porque foi um crescimento muito grande de conhecer outra cultura, outra gente, questão do respeito também, né? A questão da moralização do respeito, isso pra mim, foi muito importante... essa ação só me fez crescer em vários sentidos... e poder ver também de outro ângulo, né? Ué às vezes a gente ver tão dentro de uma sociedade onde a gente acha que é certa, que a gente consegue ver em outras, a gente consegue, digamos assim, comparar com a outra. Eu amo a minha cultura, o meu país, amo o meu Brasil, mas eu ainda acho que falta muito na questão da educação para o próximo, com respeito para com o próximo... para que a gente possa ter uma vida mais feliz e tranquila (LÍRIO, 48 anos).*

Essa comparação entre Brasil e Europa aparece em outras entrevistas, com o sentimento semelhante. Nestes casos, amar o seu país de origem e ter o desejo de retornar e se fixar não impede o reconhecimento da existência de problemas sociais e outros relacionados às formas de violência contra as mulheres trans e travestis. A Europa, de modo geral, por vez, é representada como esse espaço do acolhimento, do novo lar, da possibilidade de transformação, do reconhecimento da sua feminilidade, sem necessidade de estabelecer uma luta diária para o reconhecimento de sua identidade de gênero. Como algumas das interlocutoras relataram, o simples uso de um pronome feminino faz toda a diferença para que estas mulheres trans e travestis sintam-se mais respeitadas.



Estas questões nos remetem ao tema mais geral das migrações para o *norte global*. As realidades vividas por mulheres trans e travestis, a exemplo das nossas interlocutoras, se assemelham, ao menos em parte, às realidades de milhões de imigrantes que buscam na Europa melhores condições de vida. A inserção na sociedade por meio de uma atividade econômica socialmente marginalizada e precarizada como a prostituição aproxima estas mulheres trans tanto das mulheres cis prostitutas quanto mulheres ocupadas em atividades que não exigem qualificação profissional (BAENINGER, 2012; PISCITELLI, 2008). São, como aponta Butler (2006), “corpos precários” que tendem ao apagamento social e a outras formas de violência. Estas semelhanças, no entanto, não eliminam as particularidades bastante delimitadas das mulheres trans e travestis cuja trajetória imigratória é indissociável às questões identitárias e afetivas.

Há, também, outras aproximações e distanciamentos entre mulheres trans e travestis e emigrantes brasileiros(as) cis. Por um lado, incorporam relações de poder sob a forma de estigmas e outras formas de violência física e simbólica. Ambos também convertem marcadores de nacionalidade, gênero, raça/etnia e sexualidade em mecanismos de afirmação e transgressão social. Casos como estes podem ser encontrados em estudos realizados por Machado (2004) que chamou de “mercado da simpatia”, em que determinadas circunstâncias que marcadores identitários (auto)atribuídos a/por brasileiros(as) produzem redes de relações com famílias portuguesas. Há também casos de reconversão de estigmas em emblemas como observados por Ennes e Ramos (2021) em Lisboa e Madri, em que brasileiros(as) e outros(as) latino-americanos(as) acionam estrategicamente seus corpos a partir do que as sociedades de acolhimento valorizam em áreas específicas do mercado de trabalho como gentileza, simpatia e força física etc.

As aproximações referem-se a não univocidade da condição de imigrante e de seus aspectos objetivos e subjetivos ligados a seu corpo e à sua pertença. Isto é, nos referimos ao fato de que estas características tanto em relação a imigrantes cis, quanto à imigrantes trans, quando o fazem, os inserem em atividades econômicas, ainda que importantes para sua sobrevivência, periféricas às formas legítimas de ocupação e atuação profissional. Assim, trabalhar em uma loja de departamento vendendo *lingeries*, na construção civil ou na prostituição, garante a sobrevivência em ocupações, que podem até ser disputadas por nacionais, mas que estão distantes do topo das hierarquias das ocupações legítimas.

Os distanciamentos são produzidos pelas interseções dos marcadores identitários. Pessoas trans distanciam-se de pessoas cis, mesmo quando ambas trabalham na prostituição. Esse distanciamento revela-se, por exemplo, por meio da naturalização, entre a opinião pública e o senso comum, da associação das primeiras com esta ocupação. De outro lado, naturaliza-



se, igualmente, a ocupação das pessoas cis com o mercado de trabalho formal. Esta diferença repercute, entre outras consequências, na invisibilização de mulheres trans e travestis em outras atividades ocupacionais, o que resulta em uma situação ainda maior de vulnerabilidade e exposição à violência física e simbólica.

Deste modo, as trajetórias das mulheres trans e travestis aqui analisadas ratifica a tendência da mobilidade entre cidades e países. Este movimento, no entanto, não é linear e nem definitivo já que frequentemente tem continuidade em direção a uma nova cidade e/ou país, seja porque esta mobilidade revela, em alguns casos, movimentos circulares de idas e vindas ou, ainda, um ponto de partida de uma nova trajetória migratória (CLIFFORD, 1994; HALL, 2003; MENESES, 2020).

*Eu falei: ‘minha mãe, eu tô cansada! Eu preciso voltar pra civilização.’ (Risos) Preciso voltar pra civilização! Sentar em uma mesa, deixar meu telefone assim e não ter medo de alguém me roubar, de me agredir...entendeu? Eu senti falta. Aí fui pra lá o ano passado... fiquei 1 ano...gostei muito! (CAMELIA, 49 anos).*

A interlocutora revela a sua circularidade espaço-temporal guiada pelo mercado da prostituição, que mesmo em idade considerada (por ela mesma) avançada para este tipo de atividade, continua fazendo suas idas e vindas para Itália e Portugal como profissional do sexo. No mesmo ano da entrevista realizada em Aracaju, ela emigrou novamente, onde permanece vivendo e trabalhando no trânsito entre estes países vizinhos.

A dupla diáspora tem continuidade. As mulheres trans migrantes e travestis passam a vivenciar uma maior autonomia sobre seus afetos, sexualidades e seus corpos. Neste percurso, o gênero em transição enquanto marcador social estabelece novas alteridades como expressão das novas configurações sociais que revelam um cenário de conflitos, de solidariedades, de afetos incompreendidos e/ou marginais, de reconhecimento, mas também de negação.

Há um único caso entre as interlocutoras em que a família foi incorporada no percurso migratório. Neste caso, a migrante trans agiu de modo a conhecer a burocracia e os caminhos para a entrada e a obtenção da cidadania no país estrangeiro.

*Em 97, trouxe minha família pra cá [Itália]... minha família se estabilizou aqui na Europa com documentos, trabalhando normal. Ainda em 98 eu me casei pra documento com uma italiana, com uma mulher para documentos, né, para ficar na Itália. Mas nada pago, foi por gratidão, por amizade (ÍRIS, 47 anos).*

Este caso parece ser exemplar no que diz respeito ao caráter não linear e não definitivo da diáspora identitária e espacial. Isto porque o restabelecimento da relação com a família e sua inserção em seu percurso migratório implicou não apenas em um retorno ao local de origem e à família, mas também um *retorno identitário*, já que sua legalização no exterior implicou em



um apagamento provisório de sua transgeneridade. Isto ocorreu por meio de uma estratégia que envolveu um casamento com uma mulher cis e no qual aciona sua identidade de homem cis.

Este movimento de *retorno às origens* por meio do qual ocorre a reaproximação com a família nem sempre encontra paralelo com o lugar propriamente dito, o que inclui moradoras(es) da cidade. Este processo é observado na narrativa de diferentes interlocutoras que demonstram sentimentos semelhantes. Elas reconstruíram a relação com suas famílias, mas ainda sente que a cidade de sua origem é um espaço hostil.

*Ela ainda é conflituosa [referindo-se ao retorno a cidade de origem...talvez por isso eu ainda não conseguir sair de casa que eu fico em casa...não saio. Mas saio pra ver minha vó que é três casa depois da de Mainha. [...] eu não me sinto segura, então eu não consigo ainda, tipo, transitar pela cidade...ainda é difícil pra mim. Não sei dizer o porquê...tô nessa análise, entendeu? Porque eu não sei até que ponto se é porque lá representou uma outra história e ainda não consegui fazer essa relação (AZALÉIA, 40 anos).*

Este distanciamento da cidade é vivenciado por uma interlocutora que não migrou para um país estrangeiro. Na verdade, seu deslocamento compreendeu a mudança de uma cidade do interior para a capital do estado. Este caso sugere que o distanciamento físico não é necessariamente proporcional com o distanciamento social e identitário e corrobora com a ideia de que o lar não está no local de partida, mas em algum lugar que é buscado por meio da trajetória migratória (BRAH, 2011; COHEN, 2008; FORTIER, 2001, 2002).

## 8 Considerações transitórias

A reflexão aqui desenvolvida com base em bibliografia sobre identidades de gênero, pessoas trans e travestis, migrações e nas entrevistas coletadas durante a pesquisa nos permite chegar à ideia da “Diáspora Trans” como categoria analítica que lança luz sobre uma dinâmica de poder que nos ajuda a compreender as especificidades de trajetórias de mulheres trans e travestis que se materializam por meio de trânsitos.

Foi a partir da releitura de contribuições sobre diásporas que focam tanto em questões ligadas à etnia, nacionalidade, estado-nação, mas também às dimensões identitárias (BRAH 2011; BOLAÑOS 2012; COHEN 2008; HALL, 2003) da construção das sujeitas trans e travestis é que entendemos como se constitui a “Diáspora Trans”. A “Diáspora Trans”, portanto, revela-se como configurações sociais constituídas pelos lugares, normas sociais e legais, redes e pessoas. Estes elementos formam, assim, caleidoscópios móveis nos quais se observam os trânsitos de gênero à medida que as interlocutoras migram entre cidades e países.

De modo ambivalente, contraditório e não linear foi possível observar por meio das entrevistas como a trajetória diaspórica das interlocutoras foi desde o início motivada por



violências físicas e simbólicas e pela busca de um lugar que poderia ser chamado de lar. Algo que não se concretiza plenamente por diferentes razões e caminhos. Deste modo, as reflexões presentes neste artigo nos permitem dizer que a “Diáspora Trans” é constituída por contramovimentos aos sistemas estabelecidos, que revela como o trânsito entre masculino e feminino pode ocorrer em trajetórias migratórias de modo a desorganizar o sistema binário do gênero.

Como se observou, a trajetória diaspórica está relacionada à fuga dos espaços de violência, à busca para alcançar possibilidades de inserção no mercado (formal e informal) e nos quais possam viver sua feminilidade e ter direito a expressar seus afetos e desejos, isto é, possam ter maior autonomia sobre seu trânsito identitário.

O trânsito entre os territórios do gênero ocorre de forma relacional e contextual e não é uma viagem que sai de um ponto fixo para outro. Ao longo desta mobilidade, há inúmeros pontos em uma escala gradiente que podem ser interpretados como ponto final para algumas pessoas, e por outras apenas como um ponto de conexão para outra etapa da vida em sua busca da representação social desejada.

O artigo demonstra, neste sentido, que não obstante o ponto de partida fixado pela biologia que, a partir do genital, as insere e as nomeia como indivíduos masculinos, e na perspectiva de construção social, aqui materializada pela mobilidade entre cidades e/ou países, consiste em, na realidade, inúmeros gradientes que são invisibilizados em prol de um referencial homogêneo.

Desta maneira, a “Diáspora Trans” implica em pontos múltiplos de partida e pontos múltiplos de chegada, tanto no que diz respeito ao fluxo dos processos identitários de gênero, quanto às migrações espaço-temporal. É uma viagem sem roteiro definido e que vai sendo construída dentro das relações de poder-saber.

Esta dinâmica ocorre em um cenário perverso que as travestis e mulheres trans vivenciam em sua infância e adolescência, quando são apontadas como anormais pela sociedade cis-heteronormativa. É a partir deste modo que vivenciam a “Diáspora Trans”, movimento subjetivo, corporal e geográfico em que se afastam, de modo nem sempre definitivo, das cidades do interior onde a coerção exercida pela família, escola, igreja, vizinhança são ainda mais presentes, e deslocam-se rumo às capitais e às metrópoles dentro e fora do Brasil. Verificou-se, também, o movimento de capitais brasileiras para outras capitais ou para outros países. Elas se exilam nos grandes centros urbanos por serem mais receptivos ao diferente, uma vez que são formados, inicialmente, por um mundo de estranhos permitindo e afirmando sua reconstrução subjetiva, identitária e corporal.

O anonimato adquirido nestas cidades de desconhecidos permite que vivenciem sua identidade gênero mais plenamente, mesmo que seja em um restrito espaço que este núcleo social



se apoderou, tais como os guetos, desenvolvendo suas relações sociais e seu autoconhecimento sem a vigilância das instituições. Neste espaço de anonimato, permitem-se realizar seus desejos e experienciar sua sexualidade de forma mais livre, além de descobrirem a existência de semelhantes, produzindo laços de pertencimento e reconforto, ainda que, por vezes, provisório e passageiro, por perceberem que há um grupo com o qual podem se identificar.

A “Diáspora Trans”, no entanto, é também marcada por novos conflitos e formas de violência simbólica e física. A prostituição, atividade a qual muitas delas foram levadas de forma compulsória, é um espaço de alteridade no qual o proibido, o (in)desejado e o marginal, de acordo com a ótica da sociedade hegemônica, pode ser encontrado, considerando que, à noite, as ruas se tornam invisibilizadas, rechaçadas, contestadas e invertidas, é o que nos leva a conformá-la como o espaço da heterotopia, o espaço da alteridade. Este não lugar representa ruptura e mobilidade constantes dos pertencimentos e das identidades das pessoas envolvidas neste cenário, coloca em jogo negociações incessantes entre clientes e mulheres trans e travestis sobre desejos que só estão permitidos serem vivenciados nestes espaços, em segredo.

A “Diáspora Trans”, por outro lado, não é unívoca e revela outras possibilidades de trajetórias e vidas. As entrevistas e trajetórias das colaboradoras demonstraram, também, que o ato de migrar pode estar relacionado a estudos ou ao trabalho, levando ao distanciamento da família e do seu círculo social de origem. Observou-se que, embora as motivações tenham sido diferentes das que passaram a trabalhar na prostituição, as nossas interlocutoras também vivenciaram mais liberdade para experimentar, construir a identidade de gênero com a qual se identifica, então, neste caso, o descobrir-se trans foi uma consequência do processo migratório. Neste sentido, conseguem romper com o silenciamento e apagamento da sua identidade de gênero, aceitando-se e consolidando-se como um(a) novo(a) sujeito(a) perante a sociedade. Também nestes casos, os processos migratórios agiram sobre sua vida, possibilitando a (re)construção de sua identidade a cada passo, a cada viagem, a cada novo circuito de relações sociais e institucionais.

A dupla migração (de gênero e espaço-temporal) que analisamos aqui, por meio do conceito de “Diáspora Trans”, nos apresenta as redes como fundante dos processos migratórios, sejam elas constituídas em espaços de prostituição, nos movimentos sociais, nos espaços sociais LGBTQIA+ e/ou até mesmo na vida cotidiana, ao se deparar com uma pessoa trans que possa se identificar e criar laços. Elas são as vias de acesso para consolidação da transposição de barreiras físicas e simbólicas, que através de processos de desterritorialização e de reterritorialização promovem a dinâmica do movimento em torno da transgeneridade. As redes crescem a partir de diversos pontos simultaneamente e se unem formando uma trama densa de interligações, que em outro processo



metafórico podemos compreender como tecido social.

O artigo também demonstrou que a “Diáspora Trans” não compreende apenas os percursos identitários e migratórios unívocos. Pontos de chegadas podem se tornar novos pontos de partidas e novas partidas podem voltar-se para os locais de origem nos quais o confronto com pessoas, relações e instituições passa a fazer parte de um novo momento e fase da “Diáspora Trans” na qual formas e expressões de ser, sentir e existir das colaboradoras são (re)definidas.

A análise das entrevistas e trajetórias das mulheres trans e travestis que integraram esta pesquisa permitiu perceber a importância do corpo no processo de migração do gênero, sendo interpretado como um território disputado e vigiado, mas também um espaço político de reivindicação de construções alternativas da sexualidade e da identidade de gênero.

No que diz respeito ao universo da pesquisa e à metodologia, o estudo não trabalhou com uma amostra probabilística, o que não nos permite qualquer pretensão de generalização dos resultados do estudo. Ponderamos também que as diferenças em relação às migrações regionais e as internacionais e as que se referem à idade e ao nível de escolaridade não invalidam nossas conclusões.

Desta maneira, o artigo procurou ir além da descrição de trajetórias migratórias de mulheres trans e travestis para demonstrar efetivamente como isto se imbrica e se articula com o processo de mudança identitária por elas vivenciadas. Assim, a “Diáspora Trans” se materializa por meio de múltiplos pontos de partida, de passagens e destinos tanto no que diz respeito aos trânsitos de gênero, como a mobilidade espaço-temporal. São caminhos sem roteiros pré-definidos e que são definidos dentro das relações de poder.

---

## Referências

AGNOLETI, Michele Barbosa; SOUSA, Eduardo Sérgio Soares. A transmigração no espaço, no corpo e na subjetividade: deslocamentos de fronteiras na experiência travesti. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 37., 2013, Águas de Lindóia, SP. *Anais [...]*. São Paulo: ANPOCS, 2013. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/papers-37-encontro/spg-2/spg15-2/8740-a-transmigracao-no-espaco-no-corpo-e-na-subjetividade-deslocamentos-de-fronteiras-na-experiencia-travesti/file>. Acesso em: 15 out. 2020.

ANDRADE, Vítor Lopes. Migrações internas e internacionais motivadas por orientação sexual e identidade de gênero. *Travessia: revista do migrante*, São Paulo, n. 77, p. 29-48, 2015.

ANDRADE, Vítor Lopes. Refugiados e refugiadas por orientação sexual no Brasil: dimensões jurídicas e sociais. *In: SEMINÁRIO “MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS, REFÚGIO E POLÍTICAS”*, 2016,





São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: UNICAMP, 2016. p. 1-17.

ÁVILA, Simone.; GROSSI, Miriam Pillar. Transexualidade e movimento transgênero na perspectiva da diáspora queer. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA – ABEH, 5., 2010, Natal, RN. *Anais* [...]. Natal, RN: ABEH, 2010. p. 1-17.

ÁVILA, Simone. *Transmasculinidades: a emergência de novas identidades políticas e sociais*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

BAENINGER, Rosana (org.). *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: NEPO-Unicamp, 2012.

BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BERLANT, Laurent e WARNER, Michael. Sexo em Público. In: Jiménez, Rafael M. M. (editor) *Sexualidades Transgressoras*. Barcelona, Içaria, 2002. p.p. 229-257.

BINNIE, Jon. A globalização da sexualidade: entrevista com Jon Binnie. Entrevistadores: Joseli Maria Silva e Marcio Jose Ornat. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 188-194, 2013.

BOLAÑOS, Aimée González. Toda odiseia tem um final feliz? (A propósito de poesia e diáspora). *Aletria: revista de estudos de literatura*, v. 22, n. 3, p. 83-93, 2012.

BRAH, Avtar. *Cartografias de la diáspora: identidades en cuestión*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2011.

BUTLER, Judith. *Vida precaria: el poder del duelo y la violencia*. Tradução: Fermín Rodríguez. Buenos Aires: Paidós, 2006. (Espacios del saber).

CARRIJO, Gilson Goulart. Imagens em trânsito: narrativas de uma travesti brasileira. In: PISCITELLI, Adriana; NIETO OLIVAR, José Miguel; ASSIS, Gláucia Oliveira de (org.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Pagu/Unicamp, 2011. (Coleção Encontros, v. 1). p. 263-320.

CLIFFORD, James. Diasporas. *Cultural Anthropology*, Washington, DC, v. 9, n. 3, p. 302-338, 1994.

COHEN, Robin. Diasporas and the nation-state: from victims to challengers. In: VERTOVEC, Steven; COHEN, Robin (ed.). *Migration, diasporas, and transnationalism*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 1999. (The international library of studies on migration, 9). p. 266-279.

COHEN, Robin. Sólidas, dúcteis e líquidas: noções em mutação de “lar” e “terra natal” nos estudos da diáspora. *Caderno CRH*, Salvador, v. 21, n. 54, p. 519-532, 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.



ENNES, Marcelo; RAMOS, Natalia. *Interculturalismo, imigração e consumo: modificações corporais em imigrantes em Portugal e Espanha. Estudos de Sociologia, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 915-937, 2021.*

ENNES, Marcelo Alario. *A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiro no interior do Estado de São Paulo.* São Paulo: UNESP, 2001.

ENNES, M. A.; MARCON, F. N. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. *Sociologias (UFRGS. Impresso), v. 16, p. 12-34, 2014.*

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay.* Tradução: Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FORTIER, Anne-Marie. ‘Coming home’: Queer migrations and multiple evocations of home. *European Journal of Cultural Studies, Lancaster, v. 4, n. 4, p. 405-424, 2001.*

FORTIER, Anne-Marie. Queer Diaspora. In: RICHARDSON, Diane; SEIDMAN, Steven (ed.). *Handbook of Lesbian and Gay Studies.* Thousand Oaks: SAGE Publications, 2002. p. 01 - 16. Disponível em: <https://uk.sagepub.com/en-gb/eur/handbook-of-lesbian-and-gay-studies/book209825>. Acesso em: 12 out. 2020.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas.* Tradução: Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro.* Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34, 2001.

GOODMAN, Leo Aria. Snowball Sampling. *The Annals of Mathematical Statistics, New York, v. 32, n. 1, p. 148-170, 1961.*

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos.* Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (Coleção sexualidade, gênero e sociedade, homossexualidade e cultura). Organizado por Maria Luiza Heilborn.

GUZMÁN, Manuel. “Pa’ La Escuelita com Mucho Cuida’o y por la Orillita”: A Journey through the Contested Terrains of the Nation and Sexual Orientation. In: NEGRÓN-MUNTANER, Frances; GROSGOUEL, Ramón. *Puerto Rican Jam: Rethinking Colonialism and Nationalism.* Minnesota: University of Minnesota Press, 1997. p. 209-228.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais.* Tradução: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG, 2003. (Humanitas, 93).

HALPERIN, David. “La política queer de Michel Foucault”. In: HALPERIN, David. *San Foucault: para una hagiografía gay.* Argentina: Ediciones Literales, 2007. p. 33-159.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil.* Tradução: César Gordon. Rio de Janeiro: FioCruz, 2008.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CAMPOS, Maria Christina



Siqueira de Souza; DEMARTINE, Zeila de Brito Fabri. *História oral, sociologia e pesquisa na abordagem do CERU*. São Paulo: Humanitas, 2010.

MACHADO, Igor José de Renó. Afetividade e poder entre os imigrantes brasileiros no Porto. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 23, p. 257–278, 2004.

MENESES, Cleber Meneses. *Diáspora Trans: mobilidades e migrações espaço-temporal e de gênero*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, p. 345, 2020.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. *Batalha de Confete no “Mar de Xarayés”*: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade. 2015. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

PATEMAN, Carole. *O Contrato Sexual*. Tradução: Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PATRÍCIO, Maria Cecília. No truque: fluxos migratórios de travestis brasileiras à Espanha sob uma perspectiva transnacional. *Carta Internacional*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 32-45, 2009.

PELÚCIO, Larissa. “Amores perros” - sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo. In: PISCITELLI, Adriana; NIETO OLIVAR, José Miguel; ASSIS, Gláucia Oliveira de (org.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Pagu/Unicamp, 2011. (Coleção Encontros, v. 1). p. 185-224.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. *O negócio do michê: Prostituição viril em São Paulo*. 1986. 338 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

PESSAR, Patricia R. The Role of Gender, Households, and Social Networks in the Migration Process: A Review and Appraisal. In: HIRSCHMAN, Charles; KASINITZ, Philip; DEWIND, Joshua (ed.). *The Handbook of International Migration: The American Experience*. New York: Russell Sage Foundation, 1999. p. 51-70.

PIRAJÁ, Tess Chamusca. *Das calçadas à tela da TV: representações de travestis em séries da rede globo*. 2011. 192 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-74, 2008.

PRECIADO, Paul B. *Un apartamento en urano: crônicas del cruce*. Barcelona: Anagrama, 2019.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.



SAFRAN, William. Diasporas in modern societies: myths of homelands and return. *Diaspora: a journal of transnational studies*. Toronto: University of Toronto Press, v. 1, n. 1, p. 83-99, 1991.

SANTOS, Danillo Bitencourt; SOUZA, Marcos Lopes de. Quanto mais me sinto, mais vejo que sou flor e ave e estrela e universo: histórias de Tieta, uma travesti que se fez em trânsitos. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 12, p. 245-256, 2020.

SAQUET, Marcos Aurelio. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. *Geosul*, Florianópolis, v. 22, n. 43, p. 55-76, 2007.

SAQUET, Marcos Aurelio. *Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins (RS)*. Porto Alegre: EST Edições, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Geografia: conceitos e temas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77-116.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. Juízo e Sorte: enredando maridos e clientes nas narrativas sobre o projeto migratório das travestis brasileiras para a Itália. In: PISCITELLI, Adriana; NIETO OLIVAR, José Miguel; ASSIS, Gláucia Oliveira de (org.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Pagu/Unicamp, 2011. (Coleção Encontros, v. 1). p. 226-262.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processo migratório. *Tempo Social*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *International migrant stock 2019*. New York: ONU, 2019. Disponível em: [https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationStock2019\\_TenKeyFindings.pdf](https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationStock2019_TenKeyFindings.pdf). Acesso em: 29 jul. 2020.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. *O Vôo da Beleza: Travestilidade e Devir Minoritário*. 2005. 308 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

VARTABEDIAN, Julieta. Migraciones tras: travestis brasileñas migrantes trabajadoras del sexo en Europa. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 42, p. 275-312, 2014.

VIEIRA, Paulo Jorge. Mobilidades, migrações e orientações sexuais: percursos em torno das fronteiras reais e imaginárias. *ex æquo*, Lisboa, n. 24, p. 45-59, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602011000200005](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602011000200005). Acesso em: 20 out. 2020.

WASSER, Nicolas; FRANÇA, Isadora Lins. O medo de voltar para casa: revisitando o nexos entre (homo)sexualidades e deslocamentos a partir do conceito de sexílio. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 1-22, 2021.

WASSER, Nicolas. Nas rotas da vergonha. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n.



12, p. 130-142, 2020.

WESLING, Meg. Why queer diaspora? *Feminist Review*, United Kingdom, v. 90, n. 1, p. 30-47, 2008.

